

O velho e o novo capitalismo

Opinião



Isabel do Carmo

Na discussão política, a palavra capitalismo desapareceu do léxico, como se fosse intocável, tanto da parte dos que o defendem como dos que o atacam. E, no entanto, nas notícias e questões conjunturais, seja a respeito dos trabalhadores da agro-indústria de Odemira, seja a respeito das relações de bancos com acumuladores de capital, é de sistema capitalista que se trata.

Na discussão política quotidiana, na sua expressão nos jornais e em outros meios de comunicação social, deixou de se falar claramente de sistema capitalista e de capitalismo, mesmo no discurso daqueles que o atacam, como se fosse feio, primário, antiquado, usar tais palavras. Apenas nos livros de ensaio há direito em assumir esses termos, mas esses são reservados aos círculos restritos. Ao contrário do que se diz, o que passou a ser linguagem “politicamente correcta” no debate quotidiano implica afastar-se higienicamente da expressão de tais conceitos. E, no entanto, um debate decente sobre o sistema, com os seus defensores e os seus atacantes, sem insinuações nem pressupostos, seria bem interessante.

O velho capitalismo foi descrito magistralmente por Karl Marx, em linguagem acessível ao comum dos mortais. Os novos meios de produção, a Revolução Industrial, as novas formas de trabalho geraram duas classes antagónicas: os que acumulavam capital e os que produziavam valor, através do trabalho sobre a matéria-prima, o proletariado. Que se me perdoe a redução a poucas linhas do que está escrito pelo autor em cerca de mil, na tradução em língua portuguesa. E que não pare por aqui a leitura desta crónica por receio de citações académicas. A verdade é que cerca de 150 anos depois muita água passou por baixo das pontes, isto é, muitas alterações nas formas de acumulação de capital e nas formas de trabalho. A acumulação de capital foi-se transformando em rendas, isto é, dinheiro produzido por património imóvel, que nada adianta no desenvolvimento da sociedade, mas que adianta muito no poder dos que o detêm. Muito do capital brasileiro, por exemplo, vive disso. E, sobretudo, o grande salto que houve no dinheiro que rende por si próprio. Os antigos chamavam-lhe “usurários”,



O Lehman Brothers é um exemplo do pós-capitalismo



A par do velho capitalismo, há o novo capitalismo e esse é o que se baseia no mundo financeiro

chamam-lhe os modernos “a área financeira”. Cá vão mais duas citações. Dizia Aristóteles na *Política*: “O juro, porém, é dinheiro de dinheiro, de modo que, de todas as crematísticas, esta é a mais contrária à natureza.” (tradução José Barata-Moura e col.). E Lutero, bem mais tarde, ia mais longe: “Os pagãos puderam calcular pela razão que um usurário é um quádruplo ladrão e assassino. Nós, cristãos, porém, temos-os em tal honra que quase os adoramos pelo seu dinheiro...” (tradutores citados). O Papa Francisco também tem andado por este pensamento. Afinal, parece que isto não é contrário à natureza, mas que se tem desenvolvido muito na natureza humana.

O que se tem passado na agro-indústria, e que em Odemira ficou bem à vista por obra da pandemia, é o velho capitalismo em toda a sua crueza. Exploração do trabalho levada ao possível do esgotamento humano. Procura do trabalho ao mais baixo preço, facilitado pelos modernos meios de transporte, sem ser necessário deslocação às colónias para procurar o trabalho a baixo custo. Alojamentos precários e insalubres. Esgotamento dos recursos locais, sugando os aquíferos para o regadio intensivo. Para não fugirmos desde

já às comparações, é o mesmo que se passa na China. Exploração intensa do trabalho e acumulação de capital ou pelo Estado ou por sociedades e capitalistas individuais, que, aliás, integram o comité central. Instalações em contentores, quando há deslocações de trabalhadores. Esta consideração é, no entanto, compatível com algo que parecerá contraditório. Ainda bem que aumenta o poder da China sob o ponto de vista geoestratégico, sem ter nada que ver com ideologias ou sistemas, para que os EUA não sejam mesmo os senhores de todos nós.

O pós-capitalismo

Todavia, a par do velho capitalismo, há o novo capitalismo e esse é o que se baseia no mundo financeiro e cujo mecanismo são os novos meios de circulação informáticos. Já em 1928 tinha sido a Bolsa a determinar a crise e alguns anos depois a guerra. Em 2008, a crise iniciou-se também no mundo financeiro, a partir do banco Lehman Brothers (e não no Governo português, como a direita insiste em dizer e que acolhe nas pessoas pouco informadas), e lançou na miséria e na pobreza milhões de pessoas no mundo.

Estamos agora a assistir em Portugal, em directo, graças ao Parlamento e às televisões, ao espectáculo do capitalismo financeiro em seu pleno. Iriam lá o Aristóteles e o Lutero imaginar este espectáculo! São estas coisas que ainda podem dar energias e algum optimismo nesta época de tantas zonas de sofrimento. Provavelmente até pode não haver crimes de roubo ou usurpação ou de burla, numa parte dos processos do BES e dos casos Joe Berardo e Luís Filipe Vieira. No entanto, o que houve foi o pleno uso das regras do capitalismo que se foram estabelecendo: *offshores*, depósitos em espécie nos bancos do Luxemburgo ou da Suíça, créditos bancários a amigos que fazem parte do “meio”, criação de subempresas para distribuir facturas. E, claro, fugir aos impostos, como se estes fossem uma esmola para o Estado e não o recurso que este tem para organizar os serviços públicos, os quais são usados também pelo capital. Este é o pós-capitalismo. A maior parte do trabalho é informático, aseado e distante. Há alternativas? Tem de haver, senão não haveria esperança. Vamos discuti-las.

Médica, professora da Faculdade de Medicina de Lisboa, membro do grupo Estamos do Lado da Solução